

# ASSIM ERA O "GRUDE"

RUBEM BRAGA

O CRONISTA está com a cabeça cansada, e vai roubar uma crônica a um colega antigo e já morto. Morto não reclama e o leitor sai ganhando, porque esse morto é Martim Francisco. Em seu livro *Rindo*, edição da *Revista do Brasil*, S. Paulo, 1919, ele faz um estudo sobre os «grudes». Se a gíria envelheceu («grude» está aí como sinônimo de pessoa aborrecida), o tipo está perfeitamente vivo, embora um pouco modificado pelas circunstâncias. Dentre os vários tipos «grude» estudados pelo grande cronista escolhemos o jornalista.

Trabalha para mim, Martim Francisco:

«Este é desesperador! o adjetivo terrível com certeza nasceu em sua presença. Quem o encontra pela primeira vez, tolera-o iludido. Quem o atura duas ou mais vezes, tem vontade de ir para o inferno. É quase sempre um principiante da imprensa. Passou de repórter a noticiarista, e de noticiarista a secretário de redação; teve algumas divergências com o livro caixa e deliberou fundar um jornal próprio para defender o governo. «Pois o órgão oficial, redigido por gente incapaz e medrosa, emprega uma linguagem muito branda, incompatível com as circunstâncias da atualidade, os interesses da pátria e a consolidação das instituições etc.»

De mais, odeia o anonimato: assina o que escreve e assume a responsabilidade dos artigos próprios e de alguns sonetos alheios. Timbra em alardear independência. É tudo no seu jornal: redator, colaborador, proprietário, revisor, remetente e principalmente cobrador.

Regras: tem voz aflautada, físico pouco desenvolvido, maus costumes, filiação ilegítima e várias primas de meia idade, que apresenta a subchefes políticos mal-casados. É o terror de quem tem qualquer quantia disponível, se bem que poucas vezes desfeche golpes superiores a trinta e cinco mil-réis. Não paga dívidas; nasceu para devedor e nessa profissão se mantém. Há na sua vida uma época extremamente agradável: é quando, obtendo cartas de recomendação, vai ao interior do Estado angariar assinaturas para sua fôlha. Na despedida, S. Exa. cumula-o de delicadezas, chegando mesmo a abraçá-lo. Aconselha-o a que se demore bastante em tais e tais localidades, as mais afastadas da capital, e, quando o «grude» parte, com passe do governo, está visto, S. Exa. sente assim o prazer de quem tirou uma botina apertada. Segue o «grude». No trem, sobranceiro e respigão, ora monologa, ora discute política geral. Nas localidades, planta o martírio na alma de quantas vítimas encontra. Ou mora no hotel e não paga hotel, ou se hospeda em casa de comércio e perpetra assinaturas.

Em Araraquara, há alguns anos, uma firma comercial de secos e molhados, composta de seis sócios portugueses que absolutamente não se envolviam em política, teve de tomar sete assinaturas: uma para cada sócio, e a sétima para a firma. Uma vez por semana — o «grude» tinha a magnanimidade de ser hebdomadário — havia no armazém enchente de papel de embrulho.

Fôra injustiça negar inteligência ao «grude» jornalista. Faltam-lhe, porém, talento e essa curiosidade estudiosa que promove e assegura a limpeza moral. De tombo em tombo o infeliz encerra as suas aspirações num emprégo terciário de secretário, mas empregado, quase sempre.

Remédio contra esse «grude»? Nenhum. É pagá-lo pela verba secreta, e esperar que a morte o procure».

Pela cópia, R.B.

M 646  
CM 4.4.52  
RN 89  
O Fleum, set. 81

DN 14. 12. 67

907